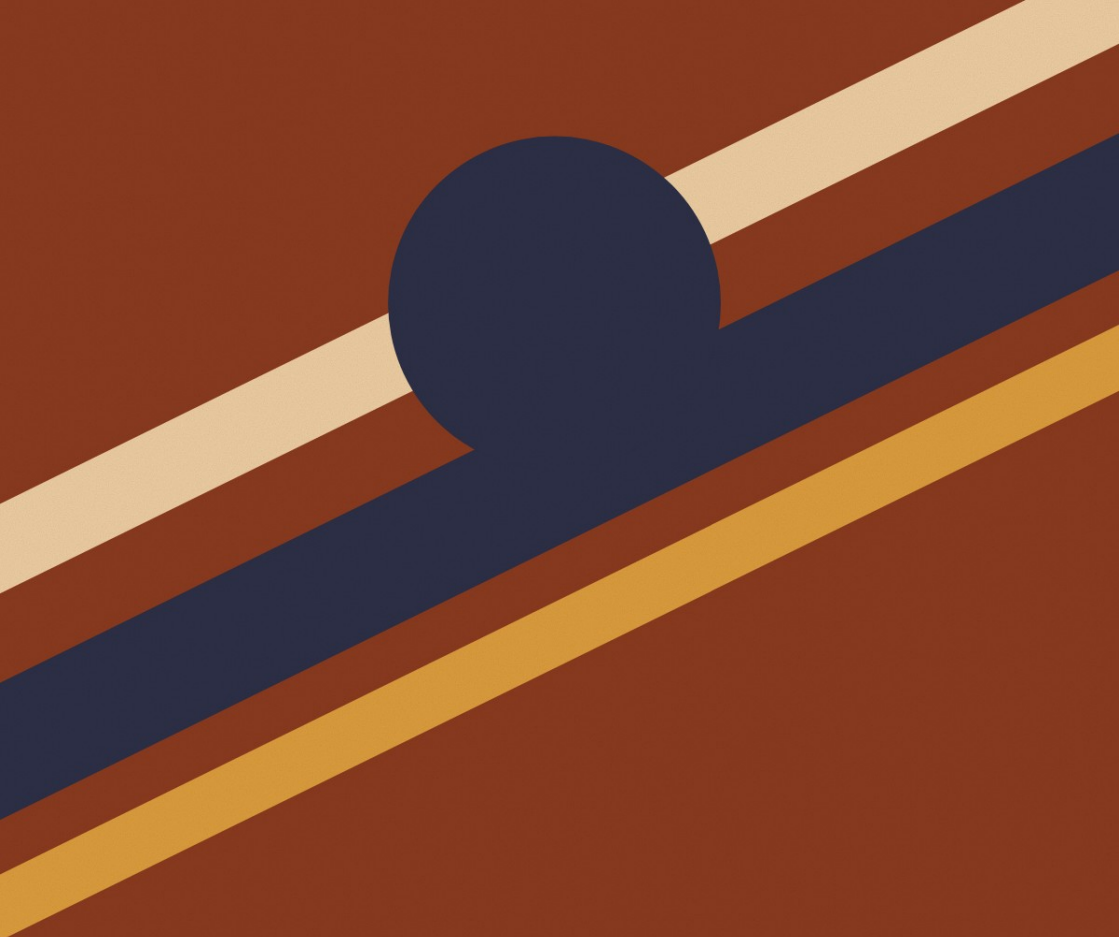




CONTOS

EÇA DE QUEIRÓS

EÇA DE QUEIRÓS

Contos

Primeira publicação: 1902

Edição de domínio público

JVA Editora

CONTOS

PORTO—Imprensa Moderna

{II}

{III}

{IV}





Eça de Queiroz

{V}

EÇA DE QUEIROZ

CONTOS

TERCEIRA EDIÇÃO

PORTO

LIVRARIA CHARDRON, DE LELO & IRMÃO,
EDITORES—RUA DAS CARMELITAS, 144
1913

Todos os direitos reservados

Obras de EÇA DE QUEIROZ

O Crime do Padre Amaro, 1 vol. 1\$200

O Primo Bazílio, 1 volume 1\$000

O Mandarin, 1 volume 500

Os Maias, 2 grossos volumes 2\$000

A Relíquia, 1 grosso volume 1\$000

Correspondência de Fradique Mendes, 1 volume 600

A Ilustre Casa de Ramires, 1 volume 1\$000

A Cidade e as Serras, 1 volume 800

Contos, 1 volume 600

Prosas Bárbaras, 1 volume 600

Cartas de Inglaterra, 1 volume 500

Ecos de Paris, 1 volume 500

Cartas Familiares, 1 vol. 500

Notas Contemporâneas, 1 volume 1\$000

Últimas páginas (manuscritos inéditos), 1 vol. 1\$000

Páginas esquecidas, com um largo estudo de José Sampaio (Bruno) no prélo

As Minas de Salomão, (tradução), 1 volume 600

Revista de Portugal, 4 grossos volumes (colaboração) 12\$000

—

A propriedade literária e artística está garantida em todos os países que aderiram à convenção de Berne—(Em Portugal, pela lei de 18 de março de 1911. No Brasil pela lei n.º 2.577 de 17 de Jan. de 1912.) {VII}

A obra dispersa de Eça de Queiroz, desde os seus primeiros folhetins na *Revolução de Setembro* e na *Gazeta de Portugal* até à sua assídua colaboração na *Gazeta de Notícias*, do Rio de Janeiro, e na *Revista Moderna*, é muito vasta, muito variada e encerra algumas das mais maravilhosas páginas do grande e saudoso escritor.

Os seus editores começam, com a publicação do presente volume, a *compilação da obra póstuma e dispersa*, recolhendo cuidadosamente êsse riquíssimo espólio, para o salvar, pelo livro, do esquecimento a que o condenariam a dispersão das fôlhas diárias e a sua efêmera vida.

Os *Contos* compreendem todos os escritos dêste género que Eça de Queiroz nos deixou, a partir das *Singularidades duma rapariga loura*. Os seus primitivos escritos na *Revolução* e na *Gazeta de Portugal*, obra mixta de fantasia e de crítica, seguir-se hão a êste em outro volume, já no prelo, e a que uma feliz indicação do snr. Jaime Batalha Reis^[1] nos revelou o próprio título que o autor determinara dar-lhe: *Prosas Bárbaras*.

Mais três volumes serão destinados a coligir as suas correspondências para os jornais brasileiros, conservando-se-lhes como títulos as rúbricas sob que ali eram publicadas: *Cartas de Inglaterra*, *Ecos de Paris* e *Cartas Familiares*; e outros dois encerrarão^[2] a sua copiosa *vária*, onde se misturam impressões de

literatura e de arte, artigos sobre política geral, estudos biográficos, notas de viagem, ensaios, críticas, polémica, etc.

Completará esta série um derradeiro volume com o precioso inédito do S. Cristóvão,^[3] tal como o admirável artista o deixou: um esboço magnífico, um verdadeiro improviso, traçado com largueza numa primeira factura pronta e fluente, onde a sua imaginação e a sua prosa brotam em jorros impetuosos e borbulhantes, em contrário da falsa lenda que fazia de Eça de Queiroz um criador moroso, e um escritor sem espontaneidade.

A título de curiosidade, para mostrar o poder de desenvolvimento e ampliação das suas faculdades imaginativas e como um exemplo dos seus processos de trabalho, inserimos no presente volume o conto intitulado *Civilização*, que o autor, amplificando-o, transformou depois na deliciosa novela *A Cidade e as Serras*.

Ao terminar estas linhas, os editores cumprem o grato dever de testemunhar o seu reconhecimento ao snr. Francisco Ramos Paz, co-proprietário da *Gazeta de Notícias*, do Rio de Janeiro, que, com o mais vivo interesse pela publicação dos escritos dispersos de Eça de Queiroz, lhes forneceu obsequiosamente toda a vasta colaboração do ilustre romancista no importante jornal fluminense.

Pôrto, 1903.

Lelo & Irmão.

(Da primeira edição)

^[1] ANTHERO DE QUENTAL, *In Memoriam*, pag. 444.

[2] Publicado num só volume—*Notas Contemporâneas*—1909.

[3] Incluído no volume—*Últimas páginas*—1911.

{1}

SINGULARIDADES DE UMA RAPARIGA LOURA

I

Começou por me dizer que o seu caso era simples—e que se chamava Macário...

Devo contar que conheci êste homem numa estalagem do Minho. Era alto e grosso: tinha uma calva larga, luzidia e lisa, com repas brancas que se lhe erriçavam em redor; e os seus olhos pretos, com a pele em roda engelhada e amarelada, e olheiras papudas, tinham uma singular clareza e rectidão—por trás dos seus óculos redondos com aros de tartaruga. Tinha a barba rapada, o queixo saliente e resoluto. Trazia uma gravata de setim negro apertada por trás com uma fivela; um casaco comprido côr de pinhão, com as mangas estreitas e justas e canhões de veludilho. E pela longa abertura do seu colete de sêda, onde reluzia um grillhão antigo, saíam as pregas moles de uma camisa bordada.

Era isto em setembro: já as noites vinham mais cedo, com uma friagem fina e sêca e uma escuridão aparatosa. Eu tinha descido da diligência, fatigado, esfomeado, tiritando num cobrejão de listas escarlates.

Vinha de atravessar a serra e os seus aspectos pardos e desertos. Eram oito horas da noite. Os céus estavam pesados e sujos. E, ou fôsse um certo adormecimento cerebral produzido pelo rolar monótono da diligência, ou fôsse a debilidade nervosa da fadiga, ou a influência da paisagem escarpada e árida, sob o côncavo silêncio noturno, ou a opressão da electricidade, que enchia as alturas—o facto é que eu—que sou naturalmente positivo e realista—tinha vindo tiranizado pela imaginação e pelas quimeras. Existe, no fundo